



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ – CCIM
COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

DENISE PEREIRA RIBEIRO

**LONGFORM CAMINHOS DA ESPERANÇA: O EFEITO DAS COTAS RACIAIS
NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE IMPERATRIZ-MA**

IMPERATRIZ- MA

2024

DENISE PEREIRA RIBEIRO

**LONGFORM CAMINHOS DA ESPERANÇA: O EFEITO DAS COTAS RACIAIS
NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE IMPERATRIZ-MA**

Relatório técnico apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – CCIM, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel

IMPERATRIZ- MA

2024

DENISE PEREIRA RIBEIRO

**LONGFORM CAMINHOS DA ESPERANÇA: O EFEITO DAS COTAS
RACIAIS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DE IMPERATRIZ-MA**

Relatório técnico apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – CCIM, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: 19/09/24

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Carlos Messias
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Michelly Santos de Carvalho
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de

Pereira Ribeiro, Denise.

Longform Caminhos da esperança: o efeito das cotas raciais nas universidades públicas de Imperatriz/MA / Denise Pereira Ribeiro. - 2024.

39 f.

Orientador(a): Alexandre Zarate Maciel.

Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/ma, 2024.

1. Cotistas. 2. Imperatriz. 3. Longform. 4. Inclusão. 5. Ensino Superior. I. Zarate Maciel, Alexandre. II. Título.

À minha família, por ser minha âncora. Em especial à minha mãe, Maria Geni Pereira, e ao meu pai, Manoel Joaquim Ribeiro. Ambos são sinônimos de muita força e fé, e se alegram com essa concretização.

AGRADECIMENTOS

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. Trecho de um dos mais famosos poemas de Fernando Pessoa, que não coincidentemente é meu poeta favorito. Eu conheci a sua obra no ensino médio, durante uma aula de literatura, lecionada pela professora Emília Alves. Desde então essa frase tem feito parte da minha vida e, sempre que necessário, a recito.

Nesta etapa final, ela surge com frequência no meu pensamento e relembro o caminho percorrido até aqui. Sinto-me feliz por viver esta fase e me alegro mais ainda por saber que nunca estive só durante esse percurso. E apesar de todas as adversidades, tudo valeu a pena. Por isso, resta-me agradecer:

A Deus, por ser o meu guia e alicerce durante esta breve passagem na terra. À mulher mais forte e especial que poderia ter na minha vida, minha mãe, Maria Geni Pereira. Ao meu querido e amado pai, Manoel Joaquim, que sempre fez questão de mostrar para mim e meus irmãos que a educação era/é o melhor caminho. Mãe e pai, vocês são essenciais na minha vida, obrigada por tanto.

À minha família de modo geral, sobretudo às minhas irmãs e irmãos, que desde o momento que ingressei na universidade se alegraram com essa realização.

Agradeço também à minha segunda mãe, Lélia da Conceição Moraes, mulher de coragem e dona de um coração extremamente generoso. Obrigada por me ajudar a chegar até aqui, és muito especial para mim.

A todos os amigos pelas palavras de incentivo, por me ouvirem e ficarem ao meu lado nos bons e maus momentos. Em especial as minhas duas amigas da época do ensino médio, Brenda Taianny e Milainy Santos, que são como irmãs, e mesmo distantes, me deram suporte para vencer esta etapa.

Estendo os agradecimentos aos amigos que fiz na graduação: Aline Xavier, Fabiana Viana, minha parceira desde o começo do curso, Guilherme Carneiro e Venilson Sousa. Amigos que vivenciaram e experienciaram o mesmo sofrimento, coisas que só os universitários entendem. A jornada ficou mais leve e bonita com vocês ao meu lado.

Agradeço a todos os meus educadores, desde o nível básico ao superior. Sem eles nada disso seria possível. Tenho uma enorme admiração e respeito por cada um.

Ao grande professor Alexandre Maciel que me orientou, corrigiu pacientemente os meus textos e me ajudou a concluir essa etapa.

A quem disponibilizou um tempo para entrevistas e contribuiu com a construção deste trabalho. Conhecer a história de cada um foi de grande relevância para mim, pois falar de educação e inclusão sempre será motivo de felicidade.

Agradeço à Universidade Federal do Maranhão por ter me proporcionado tantas vivências únicas, interessantes e inesquecíveis.

Agradeço a mim mesma por não ter desistido do sonho da Denise de 14 anos, que descobrira um amor pelo jornalismo enquanto refletia em casa sobre seu futuro e passos a serem seguidos. Idealizei por muito tempo este momento, lutei e hoje realizo um desejo antigo. Chegar até aqui foi difícil, mas abandonar nunca foi uma opção. Tudo valeu a pena

RESUMO

O objetivo deste projeto experimental foi compreender os impactos das cotas raciais a partir da narrativa de estudantes das universidades públicas em Imperatriz-MA, por meio de uma reportagem especial para internet, também denominada *longform*. Para tanto, utilizei as técnicas de apuração, entrevistas e redação jornalísticas, bem como me inspirei no método da história oral e análise documental. A Lei de Cotas foi promulgada em agosto de 2012, definindo assim, que universidades e institutos federais reservassem 50% das vagas para cotas. Desse percentual, há um recorte de 25% destinado a grupos étnico-raciais que por muito tempo tiveram o direito à educação negligenciado. A partir das histórias dos (as) cotistas e ex-cotistas foi possível traçar um quadro da importância dessa política de inclusão.

Palavras chaves: Cotistas; Imperatriz; *Longform*; Inclusão; Ensino superior

ABSTRACT

The objective of this experimental project was to understand the impacts of racial quotas based on the narratives of students from public universities in Imperatriz-MA, through a special report for the internet, also called longform. To this end, I used the techniques of investigation, interviews and journalistic writing, as well as being inspired by the method of oral history and documentary analysis. The Quota Law was enacted in August 2012, thus defining that federal universities and institutes would reserve 50% of the places for quotas. Of this percentage, there is a cut of 25% destined for ethnic-racial groups that for a long time had their right to education neglected. Based on the stories of quota holders and former quota holders, it was possible to draw a picture of the importance of this inclusion policy.

Keywords: Quota holders; Imperatriz; Longform; Inclusion; Higher education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	12
2.1 Pesquisa	12
2.2 Escolha dos personagens	13
2.3 Entrevista	13
2.4 Questionário	15
2.5 Bastidores	17
2.6 Cronograma	19
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
3.1 Formato <i>longform</i> no jornalismo digital	21
3.2. Humanização desde a pauta	22
3.3 Cotas raciais como um tipo de ação afirmativa	23
3.4 Reserva de vagas na UFMA e Uemasul	25
4. ESTRUTURA DO PRODUTO	27
4.1 Escolha do tema	29
4.2 Orçamento	31
4.3 Montagem e escolha das cores	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICE A- Fotos	36

1. INTRODUÇÃO

A grande reportagem, aqui no seu formato *longform*, é desenvolvida pelo jornalista que almeja expandir um tema, salientando as mais diversificadas vozes, sem ficar preso a fórmulas narrativas, como o lead ou a pirâmide invertida, famosos artifícios de organização do texto jornalístico utilizados na produção de notícias *hard news*.

O objetivo deste trabalho, portanto, foi compreender por meio de uma reportagem especial para internet, os impactos das cotas raciais na democratização do acesso ao ensino superior, na perspectiva de alunos e ex-alunos cotistas das universidades públicas em Imperatriz-MA.

Para tanto, escolhi duas das três universidades públicas existentes na cidade - Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (Uemasul) -, ambas bastante conhecidas e disputadas. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), como forma de facilitar minha pesquisa, não foi focado, mas está aberto a abordagens de outros repórteres e pesquisadores.

A reportagem especial *longform Caminhos da esperança: o efeito das cotas raciais nas universidades públicas de Imperatriz/MA*, reúne a narrativa de ex-cotistas e cotistas do presente. Para executar o trabalho, fiz, a princípio, pesquisas bibliográficas para aprofundar o conhecimento a respeito do tema. A obra "*Cotas Raciais*", escrita pela promotora de Justiça do estado da Bahia, Livia Vaz Sant'anna, foi uma das principais referências. Além disso, realizei entrevistas com os personagens principais (estudantes cotistas e ex-cotistas) e com especialistas no assunto.

A educação é um direito social fundamental e deve ser usufruída de forma coletiva. O artigo 205 da Constituição Brasileira informa que a “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A educação, entretanto, foi exclusiva a pessoas brancas por um longo período, sendo negada a negros (as) e escravizados (as) por meio de atos normativos e leis provinciais que perduraram até o século XIX. Atualmente, tal realidade mudou e já é possível constatar no ensino superior do país uma diversidade étnico-racial.¹

¹ Acesse a reportagem longform: <https://denise18ribeiro.wixsite.com/caminhosdaesperanca>

Sant'anna destaca que a Frente Negra Brasileira (FNB) merece reconhecimento pelas suas ações de caráter nacional focadas na inclusão do povo negro. Fundada em 16 de setembro de 1931, em São Paulo, lançou um projeto político com o objetivo central¹ frisado por Lopes (2011, apud Sant'Anna, 2023, p. 58): “Unir gente negra para afirmar seus direitos históricos e reivindicar seus direitos atuais”.

Dessa forma, os relatos obtidos nessa reportagem demonstram a eficácia das cotas raciais enquanto políticas de inclusão de grupos minoritários na educação superior. O desenvolvimento deste trabalho contou com cinco meses, os quais envolveram pesquisas, apuração dos fatos e escrita da reportagem.

Neste relatório técnico apresento, além dos bastidores da produção do especial, os conceitos de ciberjornalismo e multimídia, a partir da perspectiva de Ramón (2014). Foi importante compreender as definições de multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens, as três propostas por Salaverría (2014). Para classificar o que é uma *longform* e as principais características da reportagem mais aprofundada especial para internet, partiu-se das concepções de Longhi e Winkes (2015).

Para nortear as entrevistas, a base foram as técnicas jornalísticas, conforme descritas por Caputo (2006), com inspiração nas metodologias sugeridas por Triviños (1987) e Ribeiro (1994). Mas os princípios teóricos para fundamentar a aproximação com os cotistas e especialistas foram: a sensibilidade na pauta e na entrevista, de acordo com o que foi proposto por Medina (2003); a humanização jornalística, teorizada por Ijuim (2012) e a superação de estereótipos, com Moraes e Gouveia (2018).

A busca por cada personagem foi planejada de modo que eles pudessem expor a sua vivência acadêmica nas universidades públicas da cidade. A grande maioria foi encontrada nas próprias instituições de ensino após algumas visitas. São histórias que se assemelham no que tange ao sonho de ingressar no nível superior, vencendo barreiras antes nunca derrubadas. Muitos deles foram os primeiros da família a entrar em uma instituição pública.

Além desses, foram procurados especialistas na temática das cotas raciais, como um advogado, um juiz e um defensor público federal. As entrevistas com eles aconteceram de forma remota, por videochamada e áudio enviado via WhatsApp. A pesquisa seguiu a ideia de alguns autores que contribuíram com o uso de técnicas

¹ O termo *hard news* é usado no jornalismo para se referir a notícias de cunho factual, sem muito aprofundamento. O objetivo é informar de maneira breve sobre eventos ou fatos atuais e relevantes.

adequadas para elaborar a grande reportagem especial para internet, ou *longform*, se atentando também para o máximo de respeito possível com as fontes.

2. METODOLOGIA

Definir os passos para se chegar ao resultado de uma pesquisa é essencial. Quando esse trabalho não depende unicamente de você, as coisas tendem a ser um pouco mais complexas e, às vezes, o sentimento de não conseguir persiste a cada dia. Porém é seu dever se organizar, planejar e ir até o final.

O tema do meu trabalho foi definido, de fato, no 7º período da graduação, após desistir da minha primeira opção – cuidados paliativos na saúde pública de Imperatriz. Com a temática estabelecida, os questionamentos sobre o que fazer inicialmente começaram a surgir: era o momento de organização.

2.1 Pesquisa

Para elaborar uma narrativa jornalística é necessário pesquisar de forma aprofundada sobre o tema central de investigação, para somente depois haver a seleção das fontes, essenciais para compreender os fatos e dados. Na construção do *longform Caminhos da esperança: o efeito das cotas raciais nas universidades públicas de Imperatriz/MA* precisei mergulhar no tema das cotas raciais a partir da consulta em trabalhos acadêmicos, materiais jornalísticos, inclusive *podcasts*, e livros que tratam do assunto, apoiada no método da pesquisa documental, que ajudou no levantamento de dados importantes e até mais atuais. Só então selecionei os personagens, cotistas e ex-cotistas das duas universidades, buscando estabelecer uma pluralidade de fontes.

A análise documental é uma ferramenta de estudo que, de acordo com Moreira (2005), busca compreender a identificação, verificação e apreciação de documentos, com a finalidade de chegar a alguma conclusão. A autora vai um pouco além no que diz respeito a esse método no qual me inspirei e afirma:

A análise documental, muito mais do que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações e momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (Moreira, 2005, p. 276).

A leitura de livros, artigos e matérias jornalísticas foi fundamental para compreender a questão das cotas raciais. Esses materiais já produzidos me auxiliaram na escrita do produto, proporcionando interpretações e um maior conhecimento sobre a temática. Por meio dos documentos consultados, obtive um embasamento mais sólido, o que também facilitou a busca por fontes adicionais.

Moreira (2008, p. 276) acrescenta que após caracterizar e descrever os documentos, é preciso se dedicar a um exame detalhado do material. “As intervenções do pesquisador por ocasião da leitura, por exemplo, fornecem observações que de outra forma poderiam perder-se ao longo do processo de localização dos documentos. Assim, o ato investigativo é apontado por cada pesquisador a seu modo, o que significa que a ação investigada é algo particular de cada um.

2.2 Escolha dos personagens

A escolha dos personagens, portanto, deveria conversar com a temática, por isso as fontes foram procuradas de forma estratégica. Em um primeiro momento, responderam aos questionamentos de maneira livre, contribuindo com o relato de suas histórias de vida, para exemplificar os dados e o histórico das cotas no Brasil apresentados ao longo da reportagem.

A reportagem *Caminhos da esperança: o efeito das cotas raciais nas universidades públicas de Imperatriz/MA* apresenta narrativas de estudantes das duas universidades públicas de Imperatriz/MA: UFMA e Uemasul. Ao estabelecer contato com estudantes e profissionais de ambas, tive acesso às primeiras informações, relatos de vida e dados dos principais personagens, os cotistas. A busca das fontes também aconteceu por meio de um formulário, elaborado e distribuído em grupos do WhatsApp, com a colaboração de amigos e conhecidos.

2.3 Entrevista

Para elaboração da reportagem especial, a entrevista foi o principal método. Utilizando as técnicas jornalísticas e inspirada em alguns princípios do método científico, dialoguei com ex-cotistas, cotistas, professores e especialistas acerca da temática e consegui captar pensamentos, vivências e opiniões distintas.

A base principal foram as sugestões de Caputo (2006), para quem o repórter aprende muito com o saber do entrevistado, com suas experiências, conhecimentos, certezas e dúvidas. Assim, segundo a autora, cada entrevista pode ensinar bastante a partir da forma como ela foi desenvolvida, já que envolve uma situação de troca, mais do que um interrogatório.

O trabalho do jornalista não pode acontecer sem a entrevista, instrumento usado diariamente para adquirir informações, que gera interpretações e são passadas adiante. Sobre a entrevista, Caputo escreve:

A entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos (CAPUTO, 2006, p. 21).

Segundo Caputo (2006), o jornalista normalmente elabora uma entrevista com base em suas vivências. Essas experiências podem suscitar questionamentos, gerar curiosidades e adquirirem relevância a ponto de se tornarem conhecimento público. O jornalista é movido por uma inquietação que não se baseia apenas na observação. Muitas vezes, é necessário sentir essa inquietação para então buscá-la.

De acordo com Ribeiro (2008, p. 141), a entrevista “[...] é a técnica mais indicada quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permite conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento”. As entrevistas indicam que é possível ir muito além das descrições das ações, agregando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Embora tenha seguido os princípios da entrevista jornalística como base, inspirei-me nos fundamentos da entrevista semiaberta, o que permitiu a comparação de respostas e articulação de resultados. O método também ajudou na sistematização das informações repassadas pelos informantes, já que suas histórias de vida foram essenciais para contextualizar os dados que foram apurados em documentos. Para Triviños (1987, p. 152), a entrevista semiaberta “[...] favorece não só na descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”.

Ribeiro (2008) argumenta que a entrevista é uma ferramenta essencial para a captação de dados e resultados sobre o objeto pesquisado, sendo o mesmo válido para o jornalismo. Existem, portanto, dois tipos comuns de entrevistas: a estruturada e a semiestruturada. A primeira consiste em um roteiro com perguntas prontas que devem ser seguidas durante as conversas. Por outro lado, a segunda, apesar de ter uma pauta definida, permite a possibilidade de novas perguntas se necessário.

Trivinos (1987) diz que a entrevista semiestruturada se caracteriza como dúvidas básicas a respeito do tema estudado que após serem feitas e respondidas darão frutos a novas hipóteses até se chegar a um resultado. A entrevista, como defendem Fontana e Frey (1994, p. 361) “[...] é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para compreender nossa condição humana”. Por essa razão, segui a meta de encontrar o máximo possível de personagens que tinham ingressado ou completado o ciclo de estudos nas universidades públicas de Imperatriz, e eles apresentaram as suas perspectivas sobre as cotas raciais em suas próprias vidas.

Contudo, a captação de informações não se resumiu à entrevista e à observação. Envolveu também a documentação, no sentido de coleta, classificação e uso de dados registrados disponíveis na sociedade em vários meios, seja livros, revistas, sites, telejornais, *podcasts*, entre outros. Neste sentido, procurei dados complementares sobre os personagens principais nas próprias universidades. Para isso, mesmo tendo as práticas jornalísticas como foco, segui as recomendações de Lima e Miotto (2007): “A pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

2.4 Questionário

Como o objetivo das entrevistas direcionadas aos ex-cotistas e cotistas era compreender os impactos das cotas raciais sob a perspectiva desses alunos, as perguntas foram pensadas igualmente para todos, de modo que foi possível comparar as respostas. As questões, elaboradas a partir da pesquisa documental, buscaram apurar a história de vida de cada um e entender os passos dados tanto para chegarem até o nível superior, como suas trajetórias nas universidades.

A cada entrevista feita, desenvolvi meu aprendizado, assimilei novas histórias e um olhar diferenciado a despeito das ações afirmativas que, para alguns, significam

apenas uma lei enquanto, para outros, representam a oportunidade de um futuro melhor. No total foram cerca de 13 perguntas, relacionadas abaixo. Algumas foram respondidas de forma mais aprofundada, enquanto outras um pouco superficiais. Em alguns momentos os personagens trouxeram aspectos instigantes que levaram a questionamentos não programados, o que enriqueceu ainda mais o diálogo com as fontes.

2.4.1. Perguntas feitas aos cotistas e ex-cotistas:

De início queria saber um pouco da sua história de vida. Quem é você, de onde vem, idade, grupo familiar. És a (o) única (o) da tua família a entrar em universidade pública?

Agora que já tenho mais noção sobre quem és. Gostaria de saber em qual ano prestou vestibular e como foi todo esse processo desde a preparação até de fato conseguir adentrar no ensino superior (se fez cursinho, estudou conteúdos além daqueles repassados em sala de aula?). Fale detalhadamente sobre o passo a passo.

Poderia descrever o que sentiu no momento exato de quando passou? O que fazia, onde estava, quando viu que tinha ingressado na universidade?

Para você, o que as cotas raciais significam?

O papel das universidades não é só incluir alunos, ela deve fazer com que o acadêmico permaneça. Como a instituição incentivou a sua permanência no curso?

Podes compartilhar um pouco sobre sua experiência durante o processo seletivo para ingressar na universidade por meio das cotas raciais? Foi necessário apenas o envio de documentos (que documentos são esses?). Ou passou por uma banca presencial que lhe avaliou? De que forma o resultado chegou até você?

Quais foram os maiores desafios que você enfrentou durante seus estudos na universidade como cotista racial?

Como você descreveria a sua integração com outros estudantes não cotistas? Quais foram os principais benefícios que você obteve ao entrar na universidade por meio das cotas raciais?

Você acredita que as cotas raciais contribuíram para a sua ascensão social e profissional? Como?

Você já enfrentou algum tipo de discriminação ou preconceito dentro da universidade devido à sua condição de cotista racial?

Qual é a sua visão sobre o papel das cotas raciais na promoção da igualdade e na reparação de desigualdades históricas?

Como vê a questão da representatividade dentro do campo acadêmico no qual está/esteve inserida?

Como você enxerga o futuro das políticas de cotas raciais no Brasil e o que espera que elas alcancem?

2.5 Bastidores

O planejamento do projeto abrangeu o período de março a agosto de 2024. Inicialmente me dediquei a uma pesquisa documental minuciosa e estratégica, com o intuito de organizar as etapas da execução da reportagem especial.

A fase de busca pelos personagens teve início na Uemasul. Estive pela primeira vez na instituição no dia 7 de março de 2024 e conversei brevemente com uma das responsáveis do setor de Coordenação, Ensino e Aprendizagem. Ela explicou sobre o ingresso por meio da reserva de vagas e me forneceu a impressão dos editais do Processo Seletivo de Acesso ao Ensino Superior (Paes) de 2018 a 2020. Nestes documentos constavam o nome completo de cada aluno, o curso que haviam entrado e em qual ano.

Com base nos editais fornecidos, cheguei a encontrar alguns personagens. Além desse meio, consegui, com a autorização de alguns professores da instituição, entrar nas salas de aula e falar sobre o meu projeto. Foi a oportunidade de obter o contato de mais pessoas para futuras entrevistas.

O procedimento para encontrar os cotistas da UFMA ocorreu da mesma forma, com o diferencial de já conhecer alguns que, de imediato, concordaram em participar. Foi o caso da amazonense Ariel Rocha e o imperatrizense Regilson Borges, ambos jornalistas formados que ingressaram na instituição pela política de cotas raciais. Eles foram os meus primeiros entrevistados.

Para conseguir um número significativo de personagens que usufruíram das políticas públicas foram feitas cerca de sete visitas em cada uma das universidades, em horários diferentes. A busca foi complementada pelo formulário enviado via redes sociais na procura de alcançar personagens de cursos e períodos distintos.

O primeiro entrevistado da Uemasul foi Paulo Gonçalves, que não hesitou em me ajudar nesse projeto. Em 15 de março de 2024, marcamos na UFMA do Centro.

Durante exatos 57 minutos, o ex-cotista relatou o seu ingresso sem as cotas e depois por meio delas, deixando evidente o quanto elas foram necessárias para ele.

Os meses de março e abril foram dedicados especialmente a encontrar e dialogar com as fontes. As entrevistas iniciais aconteceram de forma presencial e foram as que mais renderam, enquanto as demais foram via Google Meet ou WhatsApp. As fontes com as quais conversei de forma remota relataram que era mais viável me responder on-line, seja por conta do trabalho, ou por morarem em bairros distantes, entre outras circunstâncias.

Além dos cotistas, era necessário ouvir profissionais e especialistas que tinham conhecimento sobre a temática, como advogados, juizes, defensores públicos e professores e responsáveis pela banca de heteroidentificação. O questionário para esse público foi distinto, sendo composto, no máximo, por duas ou três perguntas semelhantes a respeito da Lei de Cotas e sua importância para equidade. As questões foram pensadas de acordo com a função desempenhada por cada um deles. A pesquisa bibliográfica proporcionou a obtenção da fundamentação teórica relacionada ao assunto pesquisado.

Me propus a fazer uma reportagem especial, em formato longo, para internet, com a narrativa de cotistas e ex-cotistas das universidades públicas em Imperatriz/MA. Para isso, me amparei primordialmente do método da entrevista jornalística, com inspirações no questionário do tipo semiaberto, já que este permite a comparação de respostas e articulação de resultados. Ajuda, ainda, na sistematização das informações repassadas pelos informantes. Todas as entrevistas foram gravadas no celular. Algumas imagens foram obtidas também por meio da câmera deste aparelho e outras fornecidas pelos entrevistados. As gravações tiveram duração média de 30 minutos.

A pesquisa teve seus percalços. A dificuldade maior foi encontrar os egressos cotistas, principalmente da Uemasul. Somando todos os beneficiados por essa política pública que tive contato chegaria aos 35 ou mais, porém muitos não responderam ao meu contato inicial. Não foi simples conseguir esses personagens. Mesmo assim, após muitas mensagens, ligações, e-mails e angustiantes esperas, 28 entrevistas foram realizadas. Entre elas, 22 com cotistas e ex-cotistas: Aline Florêncio, Ana Maria Nascimento, Ariel Rocha, Camila Stephane, Carlos Victor, Deuvanir Pereira, Eduardo da Silva, Gleiciane Rodrigues, Luana Gonçalves, Jarleane Militão, Julia da Silva Sousa, Kawanny Cavalcante, Laechson de Almeida, Lorena Guimarães, Iara Leticia Costa Silva, Igor Daniel Costa Silva, Paulo Sousa, Rafael Pontes Passos, Railton da Silva,

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a construção da reportagem especial, precisei entender os conceitos, a utilidade, os vários formatos, entre outros aspectos do universo do ciberjornalismo. Ramón (2014) explica que enquanto pessoas, temos algumas maneiras de ver e perceber o mundo, e essas percepções ocorrem por meio dos cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar. Dessa forma, a nossa comunicação é múltipla, o que significa que não existe uma única maneira de receber e repassar informações.

A ideia do professor é coerente e quando a atrelamos à comunicação digital, também se abre um leque de possibilidades, visto que as mídias virtuais conseguem reunir diversificados elementos que ajudam na transmissão e maior compreensão dos dados ali disponibilizados.

Mas Ramón evidencia que a multimídia não está ligada diretamente à tecnologia, ou seja, o indivíduo não passou a se comunicar de várias formas somente com a chegada da web. Para ele, esse processo ocorre desde a origem do ser humano, por meio da fala, gesto, pinturas rupestres etc. Salaverría (2014, p. 25) concorda com essa perspectiva quando afirma: “O homem que há 30.000 anos habitava nas cavernas de Altamira e Lascaux já era, definitivamente, um comunicador multimídia”.

Ainda sobre multimídia, na perspectiva de Ramón, cabe pontuar o desafio que é definir o termo. Ao contrário do que se pensa, essa tarefa não é tão simples, nem mesmo para profissionais da comunicação. O conceito de multimídia, quando questionado, tem rapidamente a seguinte resposta - combinação de três itens: texto, som e imagens. Estudos mais fundamentados indicam, porém, outras definições para o termo. Salaverría traz em seu texto alguns autores que falam de três acepções (Jankowski & Hansen, 1996; Opgenhaffen, 2008; Scolari, 2008) e os que descreveram diversas variantes conceituais (Armañanzas et al., 1996; Cebrián Herreros, 2005).

Multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens são as três acepções propostas por Salaverría. A primeira compreende um cenário no qual várias empresas jornalísticas trabalham em conjunto, a fim de articularem e obterem resultados positivos. A segunda, por sua vez, é basicamente um novo modelo de jornalista, o que significa que o profissional exerce várias funções, sendo multifuncional, sem a necessidade de outras pessoas no espaço para trabalharem em outras áreas. Por fim, a combinação de linguagem é justamente a junção de formatos- imagem, vídeo, som etc.

3.1 Formato *longform* no jornalismo digital

O ato de narrar não é uma atividade limitada a uma única área ou profissão. Vai além, já que todo e qualquer indivíduo pode contar histórias. “Uma narração não é uma simples modalidade textual. É um modo de aprender o mundo, de dar sentido à vida” (Leal, 2014, apud Baccin, 2015, p. 1).

Quando pensamos a narrativa jornalística, talvez tais narrações sejam vistas como maçantes. “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em história surpreendente. [...] quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação” (Benjamin, 1994, apud Baccin, 2015, p. 2).

O simples ato de informar burocratiza o jornalismo e a contextualização é que abre portas para uma narrativa mais criativa e inovadora. É neste ponto onde situamos nosso objeto de estudo, a reportagem. A reportagem é o gênero jornalístico por excelência mais completo e aberto para inovações (Baccin, 2015, p. 3).

A produção noticiosa tem ganhado novas formas, e esse processo se deu principalmente a partir do uso da web, que colaborou para o desenvolvimento do formato *longform*. Se antes era comum ver notícias relativamente curtas no meio digital, após alguns anos nota-se uma presença forte da grande reportagem multimídia, que em parte se deve também ao jornalismo impresso (Longhi, 2014).

O jornalismo online, de acordo com Longhi, já pode ser dividido em algumas fases, nas quais explorou a linguagem hipermediática do meio, resultando assim em uma nova narrativa jornalística. Esta não se limita apenas ao uso de texto, mas a um conjunto de elementos integralizados, como áudios e vídeos, reunidos em uma mesma página, de forma complementar.

Lenzi (2015) também constata tal mudança, e da mesma forma nota que o jornalismo digital tem investido mais nas grandes reportagens multimídia, e, para ele, é nelas que se percebe as mais ousadas inovações. Dentre tantas reportagens multimídia produzidas, uma de grande prestígio e citada por alguns autores que abordam sobre o assunto (Lenzi, 2016; Longhi, 2014), chama-se “Snow Fall”, publicada pelo *New York Times* em dezembro de 2012. Ela traz além do texto, áudios, animações e infográficos.

No Brasil, a *Folha de S. Paulo* criou uma seção para publicar reportagens multimídia. A primeira edição de “*Tudo sobre*” ocorreu em dezembro de 2013, apresentando um especial a respeito da construção da hidrelétrica em Belo Monte, no Pará. Em sua composição, além do texto longo e aprofundado, observa-se fotos abertas, infográficos animados, entre outros recursos (Lenzi, 2016).

Longhi (2014) explica que foi nos anos 2000 que começaram a surgir os produtos noticiosos hipermediáticos. Um evento que se pode considerar recente e que continua evoluindo à medida que novas ferramentas são incorporadas para o meio virtual. O avanço tecnológico de certa forma facilita o trabalho do jornalista, já que o acesso às informações é bem mais rápido e algo corriqueiro.

Conforme Longhi e Winques (2015, p. 188), “[...] o jornalismo longform vai muito além do texto longo”. A abundância do texto verbal sinaliza, na opinião desses pesquisadores, um resgate da qualidade, apuração e contextualização já presentes no jornalismo impresso, especialmente consagrados pela reportagem. Sendo assim, o texto mais longo não é algo nativo da web, pois já pertencia aos meios tradicionais, como revistas e os jornais impressos. Porém, foi “reconfigurado” pelo digital, ambiente no qual costuma apresentar elementos multimídia.

3.2 Humanização desde a pauta

O jornalismo cumpre bem o papel de informar por meio de um texto claro, objetivo e geralmente direto. Lima (2014) destaca que as informações que recebemos são mais básicas, deixando-nos informados das partes mais simples dos acontecimentos. No entanto, em alguns casos, a mensagem é mais longa e detalhada, sendo chamada de reportagem. Esta tem a missão de relatar de forma mais aprofundada, com o máximo de informações.

Ainda de acordo com Lima (2014), o trabalho do jornalista às vezes consiste em ir além de apenas noticiar, tocando em feridas que a sociedade resiste em enxergar. A reportagem “*Caminhos da esperança: os efeitos das cotas raciais nas universidades públicas de Imperatriz/MA*” dedicou-se a abordar a história de um grupo social que ainda luta por uma sociedade mais igualitária. Para entender o efeito das cotas raciais na vida dos estudantes das universidades públicas de Imperatriz, apropriou-se da história oral baseada também na memória dos personagens que em alguns momentos precisaram revisitar o passado para detalhar experiências com relação à política pública.

A reportagem, diferente dos demais formatos jornalísticos mais básicos, consegue oferecer à sociedade detalhes, contextualização e aprofundamento de determinado assunto, fazendo uso de uma linguagem clara e concisa, pois trata-se, antes de tudo, de mais um espaço para práticas jornalísticas.

Moraes e Gouveia (2018, p. 103) afirmam que as funções do jornalista vão além de meramente informar, incluindo a humanização das histórias, a representação de sentimentos e emoções, que são importantes para a compreensão de um fato ou fenômeno e da dinâmica social. A maioria dos personagens da reportagem são pessoas comuns que relatam suas histórias de vida, falam sobre os efeitos do preconceito, suas lutas e sonhos. Expressam suas variadas emoções, o que torna o texto mais humanizado. Esses depoimentos também fazem o repórter sentir e, em alguns momentos, se emocionar.

A humanização ocorre quando o repórter, em sua relação com a sociedade: “Esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir”. Justamente quando “[...] seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de julgamentos, de preconceitos e estereótipos” (Ijuim, 2012, p. 133-134).

O jornalismo precisa mostrar a realidade por dentro. Para isso, é necessário mergulhar no tema e ouvir sem pressa os personagens, que são parte essencial do texto. São eles que dão sentido e forma à escrita. Por meio da interação entre entrevistador e entrevistado é que podem surgir descobertas pouco comuns e até inesperadas.

3.3 Cotas raciais como um tipo de ação afirmativa

No Brasil, as cotas raciais são reservas de vagas em instituições públicas ou privadas para grupos étnico-raciais, como exemplo, negros, pardos e indígenas. O principal objetivo das cotas raciais é relacionar-se com a inclusão de grupos marginalizados, de modo que promovam a igualdade e, conseqüentemente, se reduza os privilégios dos grupos hegemônicos.

Quando o assunto é cotas raciais nas universidades públicas, os movimentos negros têm grande relevância, pois participaram efetivamente dessa luta. Como resultado, no início dos anos 2000, começaram a surgir os primeiros editais nas universidades brasileiras, alguns subsidiados por leis estaduais, outros unicamente pautados no princípio da autonomia brasileira universitária.

A educação, entretanto, foi exclusiva a pessoas brancas por um longo período, sendo negada a negros (as) e escravizados (as) por meio de atos normativos e leis provinciais durante o século XIX. Foi com a declaração da abolição da escravidão (1888) que houve uma notável expansão do associativismo negro, preocupado justamente em satisfazer necessidades sociais, culturais, econômicas, religiosas e educacionais da população negra (Sant'anna, 2023).

A problemática educacional no Brasil persiste até os dias atuais e começou a ser pautada após a Constituição de 1988 e com lutas de grupos oprimidos que buscavam e lutam até hoje por melhorias. Como um fator ainda a ser resolvido, surge a necessidade de implementação de políticas públicas para amenizar ou acabar com tal situação. Sendo assim, as cotas raciais são, na visão de parte da população, como indicam pesquisas de opinião, uma reparação histórica com pessoas que são excluídas de espaços e cargos que deveriam ser igualmente de todos.

As ações afirmativas podem ser interpretadas como atos ou medidas que visam solucionar determinado problema social. Conforme explica a jurista Flávia Piovesan, elas têm como alvo os indivíduos. “Torna-se, contudo, insuficiente tratar o indivíduo de forma genérica, geral e abstrata. Faz-se necessária a especificação do sujeito de direito, que passa a ser visto em sua peculiaridade e particularidade” (Piovensan, 2005, p. 44).

O Estado aplica suas políticas governamentais tendo como base as particularidades dos indivíduos, com o objetivo de combater a discriminação. De acordo com Pantoja (2007, p. 19), “as ações afirmativas constituem importante instrumento de ordem ética, pedagógica e psicológica de superação de barreiras artificiais e invisíveis, erguidas contra os sujeitos concretos, historicamente definidos, que possuem raça, cor, etnia, deficiências, orientação sexual, religião, entre outros critérios”.

Para o jurista Joaquim Barbosa Gomes, as ações afirmativas podem ser definidas como:

Um conjunto de políticas públicas ou privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego (Barbosa 2003, *apud* Pantoja, 2007, p. 20).

A expressão “ação afirmativa” teria sido usada pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1935, na Lei Nacional das Relações Trabalhistas. Mas no sentido hoje aplicado, foi na Índia que essas políticas foram primeiramente implementadas, ganhando destaque nos EUA, o que serviu para que demais países também as adotassem.

Munanga (2001, p. 32) faz ponderações acerca da ação afirmativa que foi implementada nos Estados Unidos na década de 1960 e ofertava aos afro-americanos oportunidades de participarem da dinâmica da mobilidade social crescente. O que revela o quão necessária é essa política pública.

3.4 Contextualização: Reservas de vagas na UFMA e Uemasul

Fundada na década de 1980, apenas com as graduações em direito e pedagogia, a UFMA de Imperatriz ofertou cerca de 692 vagas para primeiro e segundo semestre de 2024 em seus nove cursos, sendo quatro deles no campus central e cinco no segundo, no bairro Bom Jesus, a 12 km do centro da cidade. A instituição conta também com seis cursos de pós-graduação, além de um doutorado. São eles:

Programa de Pós-graduação em Sociologia – PPGS – Mestrado; Programa de Pós-graduação em Comunicação – PPGCOM – Mestrado; Programa de Pós-graduação em Formação em Práticas Educativas – PPGFOPRED – Mestrado; Programa de Pós-graduação em Saúde e Tecnologia – PPGST – Mestrado; Programa de Pós-graduação em Saúde da Família – PPGSF – Mestrado e Programa de Pós-graduação em Ciência dos Materiais – PPGCM – Mestrado e Doutorado.

Como forma de maior inclusão, a UFMA começou a implementar em 2007, antes da Lei de Cotas, um processo de entrada de estudantes por meio das ações afirmativas que funcionam até os dias atuais. O número atual de cotistas na federal, de acordo com a direção, é de 163 discentes com registro de ingresso por algum tipo de cota racial (pretos/pardos/indígenas).

A história das cotas começou na estadual do Maranhão em 2010. No dia 17 de novembro foi promulgada a Lei de número 9.295, que reservava para os cursos de graduação o mínimo de 10% das vagas para estudantes oriundos de comunidades indígenas e negros que tenham cursado todo o ensino médio em escolas públicas.

A Lei de Cotas foi implementada em agosto de 2012. De lá até os dias atuais, tanto UEMA quanto a Uemasul, como passou a ser chamada com o seu

desmembramento em 2016, fazem uso das ações afirmativas. A Uemasul tem mais de 2,5 mil alunos. O número de cotistas ativos no momento presente é de 85 acadêmicos. A instituição mantém um mestrado em Letras, sendo que outros nove cursos de pós-graduação já foram concluídos.

4. ESTRUTURA DO PRODUTO

A reportagem *Caminhos da esperança: o efeito das cotas raciais nas universidades públicas de Imperatriz-MA* aborda os impactos dessas políticas públicas de inclusão sob a perspectiva de estudantes e ex-acadêmicos da UFMA e Uemasul. Apresenta, também, a fala de especialistas acerca da temática e o contexto histórico a respeito das ações afirmativas. Antes mesmo da Lei de Cotas, promulgada em agosto de 2012, elas já estavam presentes em algumas instituições do país. Essa política é fruto de lutas de movimentos, entre eles o negro.

Após ser produzida, a reportagem foi disponibilizada no site Wix. Conhecido por ser gratuito e simples, é um dos mais recomendados para quem deseja elaborar sites para divulgação de serviços diversificados. No meu caso, a ferramenta foi utilizada para disponibilizar uma reportagem de fôlego jornalístico.

A reportagem conta com cinco capítulos. Ao entrar no site observa-se a primeira página, que mostra o título da reportagem *Caminhos da esperança: o efeito das cotas raciais universidades públicas de Imperatriz-MA*, juntamente com a foto principal, que exhibe um dos personagens assistido pelas ações afirmativas, Regilson Borges.

A partir do menu, o leitor acessa todos os capítulos divididos, que podem ser lidos assim que clicar em cima de cada item específico. Ainda na página inicial, foi acrescentada uma breve apresentação sobre o trabalho realizado, seguida por falas em destaque de três personagens comuns (duas cotistas e um ex-cotista), que foram colhidas durante as entrevistas, todos com fotos.

Para concluir a capa, foram inseridas fotografias de todos os personagens que participaram (com a exceção de alguns que não quiseram ter a sua imagem revelada). Os textos mesclam imagens, gráficos, vídeos curtos e links. A reportagem é destinada especialmente aos cotistas, mas não somente, pois toca em um assunto importante que deveria ser do interesse da população de modo geral.

Como forma de tornar a leitura mais leve, foi utilizada uma linguagem simples. Elementos como fotos e outros, contribuem para um visual menos cansativo e mais dinâmico. Respeitei ao máximo a maneira de falar de cada entrevistado, o que conferiu mais autenticidade aos relatos. A reportagem poderá ser lida por todos que se interessam na temática. Também tem a possibilidade de despertar a ânsia para

desenvolver trabalhos futuros relacionados ao assunto. A seguir, descrevo como estão divididos os capítulos, bem como resumo os seus conteúdos.

Uma Lei que oportuniza

O capítulo 1 reúne os depoimentos dos egressos da UFMA e Uemasul. Eles revelam experiências vividas no meio acadêmico, e comentam sobre as ações afirmativas, encaradas como políticas que visam beneficiar grupos negligenciados. A construção do texto intercala as vozes dos personagens e uma abordagem histórica sobre o surgimento das cotas organizada a partir de leituras em sites, artigos acadêmicos, jornais digitais e livros.

Ele segue apresentando a narrativa dos egressos à medida que fomenta a importância não apenas do ingresso desses estudantes nas universidades, mas a continuação e conclusão da graduação. De acordo com pesquisas, tanto a UFMA quanto a Uemasul disponibilizam bolsas de pesquisas e auxílios que ajudam, em parte, a manter os universitários, dentre eles, alguns cotistas. No entanto, esses benefícios não são exclusivos para cotistas, o que pode gerar uma nova disputa interna.

Quem vai dizer quem sou?

O capítulo 2 é destinado a apresentar as histórias de estudantes negros e pardos que não conseguiram usufruir da política pública, seja porque se inscreveram e não passaram, ou por desistirem de tentar via sistema de vagas, por conta da quantidade de ofertas, sendo que muitos até optaram pela modalidade de ampla concorrência.

Conseguí conversar com três estudantes e cada um falou sobre suas experiências e tentativas de ingresso. Como forma de enriquecer mais o trabalho, apresento as falas de duas componentes da banca de comissão de heteroidentificação da UFMA, que explicam o processo de avaliação e os documentos necessários de acordo com o solicitado pelo Sisu.

Portas abertas

Neste capítulo, é apresentada a visão dos cotistas do presente, sendo eles dos variados cursos e estágios, aqueles que estão no início, na metade e já concluindo o

nível superior. Além dessas fontes, agrega as entrevistas de especialistas, que abordam sobre a relevância e eficácia da política pública.

Observa-se também um foco maior em mostrar o início das cotas na UFMA e Uemasul, com o intuito de aproximá-las mais da realidade local. Enquanto a UFMA foi fundada na década de 1980, a Uemasul é recente, sendo fruto do desmembramento da UEMA, ocorrida em 2016, depois de muitas lutas.

Ascensão das comissões de heteroidentificação nas universidades

Aqui são apresentados alguns casos de fraudes ocorridos na UFMA, que segundo um levantamento feito pela GloboNews, é uma das três universidades com maiores incidências de casos. O capítulo também evidencia o uso indevido das cotas raciais em outras instituições. Infelizmente não foi possível ter acesso aos processos administrativos da UFMA, tendo em vista que o setor responsável por disponibilizá-los, no caso a Ouvidoria da UFMA, não ofereceu uma resposta oficial até a conclusão deste trabalho aos e-mails enviados. Por outro lado, a Uemasul declarou não ter até o presente momento casos de fraudes.

Mudanças

Este capítulo trata das mudanças na Lei de Cotas, que conforme previsto no texto, deveria acontecer após uma década. Especialistas comentam sobre as alterações e acrescentam o que foi deixado de lado e poderia ter sido levado em consideração.

4.1 Escolha do tema

A escolha do tema se deu por uma necessidade pessoal e profissional de entender melhor sobre as cotas raciais. Para isso foi fundamental trazer os próprios cotistas para contar suas vivências acadêmicas, bem como ouvir profissionais da educação e do direito.

Durante a graduação, participando de grupos de pesquisa como o *Núcleo de Pesquisa Maria Firmina dos Reis*, ouvi bastante sobre os grupos minorias, assim como também acompanhei o assunto nos noticiários, o que me fez andar pelos locais com um olhar mais atento. Desta maneira, trabalhei em mim um pensamento crítico e comecei a me questionar muito mais sobre a falta da ocupação em cargos e espaços de poder por parte dessas pessoas. Sempre acreditei no poder da educação, ela transforma vidas, nos

faz conhecedores, sonhadores e donos de si. A educação é para todos, tanto a básica quanto a superior.

Sabe-se que muitas histórias necessitam de grande aprofundamento para serem entendidas e levadas adiante. Tornar narrativas visíveis é um dever do jornalista, que trabalha com a missão de informar e gerar conhecimento para a população. Pensando nisso, se deu a criação desta reportagem especial, com o intuito de evidenciar justamente as histórias de vida de um grupo social que ainda luta contra a desigualdade.

A população negra e parda estimada no país é de 54%, de acordo com o IBGE, ou seja, constitui a maior parte. Mas, diferente do que deveria ser, eles têm menos acesso aos bens de serviço e atuam em apenas 18% dos cargos mais importantes. Ao abordar a história de vida de estudantes e ex-estudantes que entraram nas universidades por meio das cotas raciais está sendo enfatizada uma lei que oportuniza e repara uma dívida histórica. Como comenta Vaz (2022, p. 20), “tais afirmativas não estabelecem um teto, mas um piso para inclusão de pessoas negras”.

As cotas raciais relacionam-se com a inclusão social de grupos étnico-raciais, como negros e indígenas, que sofreram exclusão ao longo da história do país. Quando se busca conteúdos sobre as ações afirmativas encontram-se muitas obras, porém a maioria trata do conteúdo da lei em si, sua importância e ano de criação. Mas há poucos trabalhos que ressaltam as histórias de vida de pessoas que tiveram a oportunidade de adentrar nas instituições por meio delas.

Tendo em mente que a educação transforma e que, diferente do que muitas pessoas imaginam, as cotas raciais não são um privilégio, porém um direito, é que a reportagem multimídia procurou se aprofundar nas histórias de vida e apresentar a diversidade presente das universidades públicas de Imperatriz. Se antes só era possível ver pessoas brancas nesses espaços, hoje se observa uma composição mais plural.

Um estudo publicado em 2017, denominado *Desenvolvimento Humano para além das médias*, produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em parceria com a Fundação João Pinheiro e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), revelou que o nível da qualidade de vida negra, em média, 2,5% ao ano, uma alta de 28% em comparação com os 15% acumulados, no mesmo período, pelas pessoas brancas. Apesar do ritmo mais acelerado de crescimento, apenas em 2010 o IDHM das /os negras/os alcançou o número de 0,679, a pontuação que já

havia sido obtida pelos brancos há dez anos (0,675).

4.2 Orçamento

Não houve despesas relacionadas à criação do site, já que o Wix permite criar uma página de forma gratuita, não exigindo também conhecimento de programação para personalizá-lo. Os custos envolveram os deslocamentos para realizar as entrevistas. Algumas aconteceram nas universidades, necessitando assim, utilizar transportes por aplicativos: Uber, 99, entre outros.

4.3 Montagem e escolha das cores do site

Para criação do site foi necessário pensar em todo o design. Antes deste trabalho eu nunca havia trabalhado com o Wix. A escolha se deu após algumas pesquisas sobre sites gratuitos e comentários de pessoas que já tinham utilizado essa ferramenta. Lidar com o Wix, a princípio, foi um pouco desafiador e mesmo contando com uma variedade de opções, nem todas disponíveis se encaixaram na ideia inicial.

A capa foi a primeira a ser montada. Optei por destacar uma foto que remete a um momento especial de um dos personagens mais importantes: a colação de grau de Regilson Borges. Acima da imagem foi adicionado o título da reportagem, em um tamanho considerado ideal para leitura. Para tornar a interação mais dinâmica, foi usado nessa seção o efeito *parallax*, que sobe e desce à medida que o leitor lê o material. Além do título, o subtítulo com informações adicionais sobre as cotas raciais foi adicionado também na imagem, porém em um tamanho menor.

A capa conta com o resumo da reportagem, além de outras imagens, incluindo uma galeria de quase todos os personagens que compuseram o trabalho. Há também uma parte referente ao destaque gráfico das frases de três personagens, ditas durante as entrevistas, sendo um deles já formado – Paulo Sousa – e duas ainda na graduação: Jarleane Militão e Karla Daniela dos Anjos.

Por se tratar de uma reportagem multimídia, na qual deve-se mesclar vários itens, há no final da página inicial, uma seção com alguns podcasts produzidos por outros canais que falam acerca da temática. Esses programas foram essenciais para minha compreensão a respeito de todos os detalhes que envolvem a Lei de Cotas.

O site foi dividido em cinco capítulos que podem ser acessados na parte superior do menu. Os três primeiros são os mais extensos, e ofereceram mais elementos para compor o visual que os dois últimos. Foram testados em todas as formas, efeitos e animações que pudessem deixar a reportagem mais agradável de ler. As seções colocadas em branco garantiram mais liberdade para a inserção de links, fotos e gráficos. As cores do site, bem como as legendas, também puderam ser testadas.

Os usos de cores desempenham um papel significativo no que se refere às percepções, humor e respostas psicológicas, portanto, ao escolhê-las deve se ter em mente o que deseja transmitir para o público. É válido dizer, como destaca Guimarães (2022 *apud* Fernandes; Benigni, *s.d*), que as emoções despertadas pelas cores variam e podem ser interpretadas de acordo com a cultura e contexto, tendo em vista que os significados são diferentes, já que cada sociedade atribui simbolismos específicos.

Por meio das cores é possível criar produtos, ambientes e experiências que se comuniquem com as pessoas. O site usa basicamente três delas: branco, vermelho e bege. Outras cores foram experimentadas, como o verde, até chegar na cor vermelha, que combinou com o branco e com a bege, e trouxe um aspecto mais sofisticado ao site.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta reportagem, meu objetivo é evidenciar a relevância das cotas raciais no sentido de maior inclusão de pessoas negras nos espaços acadêmicos, o que consequentemente leva a outras posições de destaque na sociedade, antes desfrutadas apenas por ricos e brancos. Enquanto política pública, elas são capazes de minimizar a problemática da exclusão de grupos marginalizados.

Ouvir pessoas assistidas pelas cotas raciais foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Durante a busca por personagens, me deparei com a dificuldade de encontrar os egressos. Por outro lado, entrevistar os cotistas do presente foi mais fácil, tendo em vista que ainda estão na graduação. Ressalto, no entanto, que muitos dos que se disponibilizaram a conversar comigo me ignoraram e até o final da reportagem não obtive retorno dessas pessoas.

Observei ainda, à medida que visitava as instituições e falava sobre meu trabalho, que muitos entendem pouco ou quase nada sobre as cotas raciais e o seu papel. Existe ainda um certo preconceito derivado de pensamentos errôneos. Para alguns, o direito ao uso das cotas significa ser menos inteligente ou incapaz.

Ao conhecer e escutar as variadas histórias dos personagens, tive ainda mais certeza da eficácia do poder da educação. A vontade de cursar o nível superior está no íntimo de muitos jovens e adultos. Alguns apresentam o anseio de seguir determinada profissão ainda criança, outros trilham esse caminho na fase adulta, seguindo exemplos de familiares.

Conclui-se com este trabalho, que as cotas são eficazes na inserção de estudantes não apenas no meio universitário, mas no profissional e demais esferas. Para pesquisas futuras, espero que outros jornalistas se interessem pelo tema, abordem novas perspectivas e possam até comparar as vivências dos cotistas das universidades públicas com os das faculdades privadas.

Apesar das adversidades para conseguir fontes e dados, marcar entrevistas e criar o site para disponibilizar o material, me sinto grata pela conclusão da reportagem. Como pessoa e profissional desejo um país mais igualitário e inclusivo. Que possamos progredir em todos os aspectos.

REFERÊNCIAS

BACCIN, Alciane. **A narrativa hipermídia longform no jornalismo contemporâneo**. SBPJor- Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande-UFMS. Novembro de 2015.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Livros Labcom, 2014.

CAPUTO, Stela. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. São Paulo: Editora Vozes, 2006.

FABIANA, Aparecida. **Lutas e Direitos Indígenas no campo da educação escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Guarulhos: Unifesp, 2023.

LIMA, Edivaldo. **Jornalismo Literário para Iniciantes** – São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. **Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade**. In: MAIA, Marta e MARTINEZ, Mônica (orgs.) *Narrativas Midiáticas Contemporâneas*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018.

IJUIM, Jorge. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista *Revista Comunicação Midiática*, v.7. nº2, maio/ago.2012.

IJUIM, Jorge K. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Revista *Verso e Reverso*, Florianópolis, v.31, n. 78. p.235-243,2017.

LENZI, Alexandre. **Inversão de papel: prioridade ao digital como um novo ciclo de inovação para jornais de origem impressa**. Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2017.

LONGHI, Raquel Ritter. **O turning point da grande reportagem multimídia**. Porto Alegre: Revista *Famecos*, V.21, n.3, p. 897-917, 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. SBPJor/Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. V.1- 2015.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: jornalismo e cotidiano**. Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: um diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MOHERDAUI, Luciana. **Os critérios de composição do jornalismo digital: em busca de um modelo ideal de páginas noticiosas**. São Paulo-SP, 2007.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Políticas de ação afirmativa em benefício da população negra no Brasil: um ponto de vista em defesa das cotas**. Sociedade e Cultura. 2001; 31-

43.

NASCIMENTO, Adriana. **Webwriting e o texto no jornalismo online**. Rio de Janeiro, 2004.

RASÊRA, Marcella. **Jornalismo digital: do boom aos dias atuais**. *Uma reflexão sobre a necessidade de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia*. Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

RODRIGUES, Fábio. **Características que sustentam as reportagens longform na internet**. 2016.

SALAVERRÍA, Ramón. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.** Livros Labcom, 2014.p.(25)-(51).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. S. Paulo: Ed. Atlas, 1992.

VAZ, Livia. **Cotas raciais.** São Paulo: Jandaíra, 2022 1,1Mb.- (Feminismos Plurais/coordenação de Djamila Ribeiro).

VILAS BOAS, Sergio. **Biografia e biógrafos:** jornalismo sobre personagens. Summus, 2002.

APÊNDICE A – FOTOS:



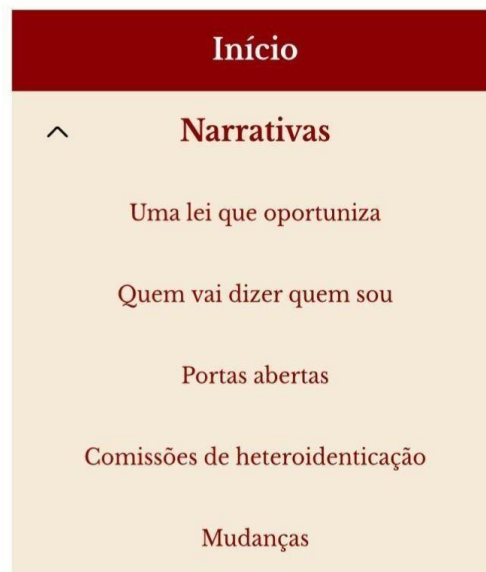
Entrevista com o advogado Ibraim Conde



Entrevista com o juiz Marco Adriano Fossêca



Print da capa do site



Print do menu do site

Cotistas das universidades públicas em Imperatriz/MA



Regilson Borges em colação de grau. Foto: arquivo pessoal

Uma Lei que oportuniza

"Acesso e inclusão!

Sem sombra de dúvida!

É isso que ela representa na

Print capítulo 1 do site

Quem vai dizer quem sou?

“Se eu sou branca demais para negros e não sou branca o suficiente para brancos, o que é que eu sou?”, questionou-se Kawanny Cavalcante, 22, após ter sua matrícula considerada inapta ao se apresentar à banca de comissão de heteroidentificação na Universidade Federal do Maranhão no início de 2024. Ela havia sido aprovada para o curso de Medicina.

Natural de Simões, interior do Piauí, ela prestou o Enem em 2023 e ingressaria no primeiro semestre de 2024 por meio das cotas raciais. De acordo com a jovem, após o envio da documentação necessária e o

Print capítulo 2 do site



Campus Uemasul Centro - Imperatriz



Campus UFMA Centro - Imperatriz